História Unisinos
20(3):311-325, Setembro/Dezembro 2016
Unisinos – doi: 10.4013/htu.2016.203.07

Histórias de vida e memórias familiares: entrevistas com netos de refugiados da II Guerra Mundial no Brasil

Life stories and family memories: Interviews with grandsons of World War II refugees in Brazil

Marcos Nestor Stein[1]
mancha36@hotmail.com

Méri Frotscher[1]
merikramer@hotmail.com

Resumo: Este artigo aborda entrevistas orais produzidas com descendentes de refugiados da Segunda Guerra Mundial que vivem no município de Guarapuava, estado do Paraná. Trata-se de membros de um grupo constituído por cerca de 2.500 pessoas, que se identificam como suábios do Danúbio – *Donauschwaben* –, os quais, no início da década de 1950, imigraram para o Brasil na condição de refugiados de guerra e se estabeleceram no referido município, onde fundaram a colônia Entre Rios. A análise enfoca as narrativas de três netos de imigrantes, nascidos na década de 1970, buscando problematizar como cada um constrói sua história de vida/familiar em relação com narrativas que constroem um determinado sentido histórico para os suábios na Europa e na colônia Entre Rios, e como conectam suas histórias de vida com as experiências de seus avós.

Palavras-chave: Suábios do Danúbio, História Oral, história de vida, geração, Colônia Entre Rios.

Abstract: This article is based on oral interviews made with descendants of World War II refugees who live in Guarapuava, Paraná State. They are descendants of members of a group of about 2,500 people who identify themselves as Danube Swabians, who immigrated at the beginning of the 1950s to Brazil as war refugees and settled in Guarapuava, where they founded the colony of Entre Rios. The analysis focuses on the narratives of three grandsons, born in the 1970s, in order to discuss how they construct their life and family stories in relation with narratives that construct a historical sense to the Danube Swabians in Europe and in Entre Rios. We also discuss how they connect their life stories with the experiences of their grandparents.

Keywords: Danube Swabians, Oral History, life story, generation, Colony of Entre Rios.

[1] Professores dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Rua Pernambuco, 1777, 85960-000, Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil.

Este é um artigo de acesso aberto, licenciado por Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), sendo permitidas reprodução, adaptação e distribuição desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.

A gente foi criado ouvindo os nossos avós contando histórias da guerra, histórias de como era a vida deles na Europa, e eu pessoalmente sou muito fascinado em relação a esse tipo de história (Aureliano B.).

A minha avó, por exemplo, relata bem o que aconteceu porque ela tinha 24 anos na época, quando ela teve que fugir dessa região, foram para a Áustria (Karl M.).

Eu não tenho uma história tão longa quanto o meu avô, por exemplo, que saiu da guerra (Harry R.).

Introdução

Os fragmentos das narrativas orais das epígrafes acima fazem parte de um conjunto de entrevistas feitas para um projeto de pesquisa[2] que produziu entrevistas de história de vida com os moradores do distrito de Entre Rios, localizado no município de Guarapuava, Paraná.

A "Colônia Entre Rios", como é chamada por eles, foi criada em 1951 por refugiados da Segunda Guerra Mundial que se identificam coletivamente como suábios do Danúbio (em língua alemã *Donauschwaben*). Trata-se de um termo elaborado na década de 1920 por dois geógrafos para designar coletivamente os descendentes de imigrantes do Sacro Império Romano Germânico que, nos séculos XVII e XVIII, se fixaram em áreas do império austríaco[3], no sudeste europeu, após a expulsão do exército turco. Após a Primeira Guerra Mundial, esse império foi desmembrado, e ocorreu a criação da Iugoslávia, na qual a maior parte dos suábios do Danúbio vivia (Stein, 2011). Ao final da Segunda Guerra Mundial, em função da participação de muitos suábios do Danúbio nas forças armadas alemãs que ocuparam a Iugoslávia, essa população foi obrigada a buscar refúgio na Áustria, de onde cerca de 2.500 deles emigraram para o Brasil, fixando-se em Guarapuava, onde fundaram as cinco vilas que formam o atual distrito de Entre Rios. Em função de problemas como as péssimas colheitas e conflitos entre os imigrantes, durante as décadas de 1950 e 1960 muitos suábios do Danúbio deixaram Entre Rios e fixaram-se em Curitiba, São Paulo ou emigraram para a Alemanha.

A partir de meados da década de 1960, observa-se uma série de ações coordenadas pela cooperativa local, a Agrária, que visavam, além da superação das dificuldades econômicas dos suábios do Danúbio e contenção desse êxodo, à construção de uma determinada memória coletiva para o distrito e para os suábios do Danúbio. Entre as iniciativas, destacamos a fundação, em 1968, em conjunto com freiras dominicanas, do Ginásio Imperatriz Dona Leopoldina, no qual é enfatizado o ensino da língua alemã e da história dos suábios (Elfes, 1971, p. 95-96; Hengemühle, 1998; Stein, 2011), e a criação do "Lar da Juventude", um espaço no qual se formou um grupo de teatro e no qual também "[...] grupos de dança e de trajes típicos preservam viva a lembrança da tradição suábia do Danúbio" (Elfes, 1971, p. 98).

Em 1971, por ocasião dos 20 anos da fundação de Entre Rios, houve a constituição de um museu e a publicação do livro *Suábios no Paraná*, de Albert Elfes. Cinco anos depois, em função dos 25 anos da localidade, a Cooperativa Agrária publicou o livro *Documentário Ilustrado da Colonização Suábio-Danubiana* e, na década de 1980, foi criado o *Jornal de Entre Rios*, transformado em revista em 1994, que frequentemente publica narrativas sobre o passado dos suábios do Danúbio[4]. Trata-se, portanto, de espaços e suportes que produzem e divulgam narrativas que constroem um determinado sentido histórico para os suábios e para Entre Rios, em um processo que envolve tanto a "memória comunicativa" quanto a "memória cultural", constituindo, assim, uma consciência de unidade desses moradores do distrito.

Welzer, Moller e Tschuggnall caracterizam essas duas dimensões da memória da seguinte maneira:

> *A 'memória comunicativa' se pratica em forma interativa quando indivíduos e grupos voltam a reviver o passado no presente. A 'memória comunicativa' é, em comparação com a 'cultural', algo assim como a memória de curto prazo da sociedade, que depende da existência daquelas pessoas que viveram essa época. Ela somente pode ter um alcance aproximado de 80 anos, ou seja, três ou quatro gerações. [...] A 'memória cultural', segundo Jan Assman, se manifesta na subsistência de textos, imagens, ritos que são próprios de cada sociedade e cada época [...] através de cujas práticas, a sociedade consolida uma imagem de si mesma como tal, e expressa um saber coletivo principalmente do passado no qual o grupo ancora sua idiossincrasia e a consciência de unidade (Welzer et al., 2012, p. 23-24).*

Nesse artigo, interessa-nos discutir como três descendentes desses refugiados de guerra e imigrantes suábios, nascidos na década de 1970, constroem suas

[2] O artigo se baseia em entrevistas de histórias de vida e outros documentos os quais foram coletados e/ou produzidos durante o projeto *Deslocamentos e (des)encontros: refugiados da II Guerra Mundial e brasileiros em Guarapuava - PR* (Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 07/2011), e também resulta das leituras, discussões e reflexões feitas a partir do projeto *História e memória autobiográfica em narrativas de imigrantes alemães no Brasil* (Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES Nº 43/2013). Ambos coordenados por Méri Frotscher.

[3] Em 1867, ocorreu a unificação entre a Áustria e a Hungria, constituindo o Império Austro-Húngaro.

[4] Para uma análise de entrevistas publicadas pelo jornal, ver Frotscher *et al.* (2014a).

histórias de vida produzidas em situações de entrevista articuladas a discursos sobre a história do distrito e dos suábios do Danúbio e ao passado familiar, especialmente às experiências de seus avós.

A metodologia empregada foi a entrevista de história de vida proposta pelo historiador Alexander von Plato (2008). Iniciamos as entrevistas pedindo para que cada entrevistado narrasse sua história de vida, explicitando que isso poderia ser feito de acordo com a sua preferência e no tempo que fosse necessário. Nesta fase, tentamos não impor uma *Gestalt* alheia, pois nos interessava apreender como os entrevistados constroem, para outrem, sua história de vida (Rosenthal, 1995). Em seguida, foram feitas questões visando esclarecer dúvidas sobre temas mencionados pelo entrevistado e, ao final, foram feitas perguntas relativas à vida cotidiana na colônia, em especial às inter-relações entre os suábios do Danúbio e os moradores não suábios – que era um dos objetivos da pesquisa.[5]

A análise das entrevistas acompanha e se inspira de modo especial nas reflexões de Alessandro Portelli, presentes em artigos e na coletânea intitulada *Ensaios de História Oral* (2010). Para Portelli, a narração oral é constituída e organizada no diálogo entre entrevistado e entrevistador e envolve também experiências e narrativas compartilhadas pelo grupo ao qual pertence o primeiro. Nessa perspectiva, como afirmamos anteriormente, buscamos apreender a construção da narrativa da história de vida, o lugar e a importância de determinados fatos e processos e, especialmente no caso dos descendentes de imigrantes suábios, como estabelecem relações entre sua história de vida e as experiências de seus avós, por meio da memória comunicativa.

"Do pântano fizeram nascer a flor do Éden"

Iniciaremos a análise com a entrevista de Aureliano B.[6], 36 anos, empresário, realizada em Guarapuava, no dia 13 de maio de 2013, com a duração de 83 minutos. Sua narrativa de história de vida tem início da seguinte maneira:

> *O meu nome é Aureliano [sobrenome], nascido em 26 de outubro de 76. Nasci em Entre Rios na colônia suábia. [...] Estudei desde o jardim [de infância] na instituição que era mantida, ou que é mantida, pela Cooperativa Agrária. Então, o alemão a gente tem de berço, [...] fala-se muito em alemão em casa com os pais. Desde cedo participei dos grupos de danças e atividades culturais (Aureliano, 2013).*

Como podemos ler no trecho acima, Aureliano começa sua história de vida fixando-a no distrito de Entre Rios – foco da pesquisa –, e não no espaço familiar. Os pais são mencionados apenas rapidamente quando falou sobre o aprendizado da língua alemã. Nesse momento de sua narrativa, a ênfase é colocada no fato de se comunicar em língua alemã com os pais e em espaços de sociabilidade e de práticas culturais da colônia, como a escola e os grupos folclóricos. Aos dados pessoais, portanto, logo são associados elementos como língua alemã e outros traços culturais distintivos do grupo étnico.

Logo em seguida, contudo, Aureliano desloca o foco de sua narrativa para um dos membros do grupo familiar: sua avó paterna. Vejamos:

> *A gente foi criado ouvindo os nossos avós contando histórias da guerra, histórias de como era a vida deles na Europa. E eu pessoalmente sou muito fascinado em relação a esse tipo de história e a gente desde criança ouvindo histórias principalmente da minha avó contava, pois o meu avô eu não cheguei a conhecer. E você comenta com alguém muitas pessoas até acham que é exagero ou questão de fazer uma figuração muito grande em cima da guerra (Aureliano, 2013).*

Ao falar "a gente foi criado ouvindo os nossos avós contando histórias da guerra", apreende-se como as histórias de vida dos avós, narradas no seio familiar, fizeram parte da própria formação do entrevistado. Neste fragmento, ao se referir a um tempo passado, mais especificamente ao período de sua infância, Aureliano utiliza a expressão "a gente", uma locução pronominal com valor semântico de "nós" que é utilizada geralmente quando se faz referência a um número indeterminado de pessoas. O passado, ao ser narrado a partir do deslocamento em que o narrador se posiciona como membro de uma coletividade, torna-se não somente o passado individual, mas do grupo familiar e, por extensão, remete ao passado dos suábios do Danúbio de Entre Rios. O deslocamento do pronome para a primeira pessoa do singular – "eu" – ocorre quando ele fala sobre o tempo presente – "eu sou muito fascinado" –, quando Aureliano ressalta a importância dos acontecimentos narrados pela avó e expressa a relação de afeto entre eles.

[5] Uma análise de narrativas sobre as relações entre os suábios do Danúbio e moradores não suábios de Entre Rios foi publicada sob o título "'Eles também não tinham nada': narrativas orais de deslocamentos e encontros identitários em Entre Rios (Guarapuava – PR)" (Frotscher *et al.*, 2014b).

[6] Pseudônimo. Os entrevistadores foram Marcos Nestor Stein e Renilson Beraldo, aluno do curso de graduação em História da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná e membro da equipe executora do projeto. A entrevista foi realizada em uma sala da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

O fragmento também indica que o destaque, ou o tema central, nessa narrativa de história de vida não está nas experiências do narrador, mas nas narrativas da avó sobre acontecimentos vividos por ela ao final da Segunda Guerra Mundial, por ocasião da fuga da Iugoslávia. Podemos perceber isso na sequência de sua fala, quando, após apresentar – fazendo uso do pronome em primeira pessoa – um rápido panorama sobre sua participação em um grupo de dança durante a infância e a adolescência no distrito e mencionar o fato de atualmente não morar mais em Entre Rios, Aureliano retomou o período quando conviveu com a avó.

> *Eu vejo assim que é a questão de ter conhecido a minha avó, de ter conhecido as histórias dela, me fez uma pessoa que, digamos assim, dá valor à cultura e aos antepassados pelo que eles passaram, pelo que eles contaram para a gente que passaram. [...] Inclusive a minha avó fez uma biografia da vida dela e essa biografia está comigo no momento, ela está guardada comigo a sete chaves. Então, a gente até brinca com amigos, vendo as coisas que acontecem hoje no mundo, a gente se revolta, e seriam coisas que, não sei se pode ou não, mas parece que está no sangue, então a gente fica meio..., como é que eu vou dizer... fica, não sei a palavra certa, abismado com as coisas que acontecem hoje, a questão de guerras que tem pelo mundo não foge muito do que era antigamente (Aureliano, 2013).*

Novamente aqui se percebe o caráter comunicativo da memória autobiográfica, construída em conversas com familiares. As histórias vividas e contadas pela avó são associadas à formação da identidade do entrevistado, a qual estaria fortemente ligada ao grupo étnico por meio de uma cultura e de um passado compartilhados: "as histórias dela me fez [fizeram] uma pessoa que, digamos assim, dá valor à cultura e aos antepassados".

As narrativas de sofrimento da avó também são pontos de referência para interpretar acontecimentos atuais, como guerras, em uma escala global. Os laços afetivos e de "sangue", com seus familiares, como ele se refere, o fazem se revoltar ao se deparar, na atualidade, com acontecimentos semelhantes aos vividos pela avó.

Como mencionado anteriormente, Aureliano coloca a avó como eixo central da memória familiar, que ela lhe teria transmitido oralmente e também por escrito por meio de uma autobiografia deixada sob a guarda do entrevistado. A posse da autobiografia – "guardada comigo a sete chaves" – o faz atuar, no espaço da entrevista, enquanto o "guardião" daquela memória ancestral, que é reproduzida em trechos de sua fala, algumas vezes de maneira muito próxima ao texto autobiográfico da avó. Contudo, a entrevista não reproduz meramente tais memórias, mas as ressignifica no presente.

A história de vida de Aureliano, ao se referir e dar significados à história dos avós, sobretudo da avó, pode ser apreendida como construtora de uma memória genealógica e familiar, o "laço vivo das gerações", como denomina Maurice Halbwachs (*in* Candau, 2011, p. 137). Por meio de um conjunto de lembranças compartilhadas se produz uma continuidade entre as gerações e, assim, uma identidade entre os membros do grupo. Como afirma o psicólogo social Harald Welzer, "memórias que se contam na família representam não apenas imagens do passado individuais, mas ao mesmo tempo modelos para o comportamento geral do grupo nós" (Welzer, 2008, p. 170, tradução nossa). Lembrar-se da avó de maneira tão emotiva e intensa significa também não querer esquecer, desejar salvaguardar a memória dessa ancestral e torná-la um exemplo a ser seguido. À sua história é dado um sentido pedagógico. Subjazem a esta narrativa, portanto, elementos da clássica concepção da história enquanto fornecedora de exemplos para a vida, a *historia magistra vitae*, que faz "apelo às lições da história e valoriza a imitação" (Hartog, 2013, p. 166).

Em seguida, ao voltar a falar de sua trajetória pessoal, Aureliano limitou-se a narrar rapidamente sua escolaridade e ingresso em uma instituição de curso superior.

> *Eu me formei no colégio lá na colônia, lá em Entre Rios, como técnico agropecuário, daí como a questão da agricultura na época estava muito difícil, preços e tudo, mais resolvi fazer faculdade [...] e hoje eu sou formado [...], e hoje eu trabalho com, sou empresário [...]. O que mais? (Aureliano, 2013).*

Como podemos ler no trecho acima, sua trajetória individual é contada de forma bastante resumida, sem detalhes. A pergunta final – "O que mais?" – sugere que Aureliano atribui à sua história de vida uma importância menor. Tal juízo se dá, provavelmente, em função de que, ao ser instigado a produzir sua narrativa de história de vida, ele a faz a partir de um determinado ponto de referência: sua avó materna, cuja narrativa mereceria ser narrada com mais detalhes. Além disso, deve-se levar em conta a busca do entrevistado em atender às expectativas que ele atribui ao entrevistador/historiador.[7]

Diante disso, e pelo fato do entrevistado mencioná-la repetidamente, foi solicitado que ele falasse mais sobre sua relação com ela. Sua resposta foi a seguinte:

[7] Para uma interessante discussão sobre a outra voz protagonista do sujeito enunciador, no caso a do destinatário/receptor, ver Arfuch (2010, p. 128).

> *A relação com a minha avó é uma relação, digamos assim, como uma relação materna [...]. Porque a gente ficava muito [tempo] com ela, convivia com ela todo dia. [...]. Eu ajudei até a cuidar quando ela estava doente. [...] Quando ela adoeceu, sentava e conversava horas e horas com ela e volta e meia nessas conversas a gente entrava em questão da parte que ela gostava de falar muito, como é que foi a questão da guerra, as dificuldades que eles passaram na guerra, de ela ter perdido tudo três vezes na vida, ter que largar criação, bens para trás para fugir com criança de colo, [com] recém-nascido. [...] Eu acho que não é pra qualquer pessoa (Aureliano, 2013).*

A última frase deste trecho dá um sentido à história de perdas e privações narradas anteriormente, conferindo novamente um caráter extraordinário e pedagógico à história de vida da avó. Percebe-se nesse trecho, e também na sequência da entrevista, que Aureliano enfoca uma determinada experiência de sua avó: os acontecimentos vividos por ela por ocasião da fuga, em 1944, de sua terra natal em direção à Áustria. Vejamos:

> *Então, até uma das minhas tias nasceu a caminho numa dessas fugas. Ela nasceu num trem bombardeado. Eles estavam fugindo de trem, se eu não me engano, da Iugoslávia e no meio da viagem teve uma parada para recolher outros refugiados e ela entrou em trabalho de parto. É uma história que marca bastante, até pela questão de como que aconteceu no caso do nascimento dessa minha tia. Ela é viva hoje ainda. Daí o meu bisavô foi procurar ajuda no último vagão, [que] era enfermaria [...] e eles prontamente vieram atender a minha avó. Só que era inverno. [Havia] um metro e meio de neve e daí eles falaram que ali no vagão que eles estavam eles não podiam fazer o parto da minha tia. Então resolveram levar lá para o vagão da enfermaria. Daí eles desceram do trem para ir em direção ao vagão da enfermaria e o trem começou a andar e as enfermeiras abandonaram a minha avó em trabalho de parto no meio da neve, com a neve até quase na cintura. Elas não podiam abandonar o posto, eram enfermeiras militares. E nisso um oficial do exército alemão viu o que tinha acontecido e recolheu minha avó num vagão que estava destruído por um bombardeio, chamou o médico oficial e fizeram o parto da minha tia. Minha avó não sabia como que ia achar o sogro e a sogra dela com os outros dois irmãos que foram junto com o trem. Daí ela ficou muito nervosa e esse oficial do exército falou para ela não ficar nervosa porque em algumas horas viria outro trem que vai pro mesmo lugar e que eles iriam conseguir se encontrar. Daí, o que é interessante dessa parte da história, é que como era inverno e não tinha água, era [só] gelo, a minha avó sempre falava que muitas vezes [quando] a gente reclamava: – "Ah, porque está doendo aqui, estou com dor de cabeça, porque eu cortei o dedo, porque..." e ela sempre falava: – "Vocês não têm ideia do que uma pessoa, um ser humano, é capaz de aguentar". Porque ela ficou, se eu não me engano, [...] dez dias sem poder lavar a minha tia e sem se lavar. Então você imagina o parto, o sangue. Ela falou que só numa necessidade dessa você consegue perceber o que o ser humano é capaz de aguentar e depois do parto ela pegou o outro trem e acabou encontrando a família lá no outro destino (Aureliano, 2013).*

Reproduzimos trecho extenso da entrevista não apenas em virtude da força visual, quase cinematográfica, da cena descrita, repleta de detalhes que demonstram a importação de trechos da autobiografia da avó para sua própria história de vida, mas também em função das lições que Aureliano tira de episódios dessa história, daí dizer: "o que é interessante dessa parte da história...". Como afirmamos anteriormente, e que pode ser novamente visualizado ao final do fragmento acima, trata-se de uma narrativa que não se constitui apenas como uma lembrança de fatos do passado contados pela avó. Ao reproduzir um episódio dramático da fuga dela, o relativo ao parto, Aureliano insere um sentido moral – sintetizado na expressão "tudo o que um ser humano pode suportar" – para essa experiência, na qual as atitudes da avó são colocadas para as gerações atuais como um exemplo de conduta, como uma referência, ou uma espécie de guia para a superação das dificuldades da vida no presente, o que também opera, assim, como um elo de aproximação entre as gerações. Ao narrar episódios da história da avó, Aureliano se apropria da principal "unidade narrativa" (Alberti, 2004, p. 96)[8] da autobiografia dela: a que diz respeito aos sofrimentos que ela viveu em sua vida. A autobiografia pode ser caracterizada como uma narrativa de sofrimento escrita para a família, em razão da morte que se aproximava, para deixar ensinamentos a seus descendentes.[9]

O exercício de empatia, de aproximação entre a geração dos avós e do neto, está presente na sequência da narrativa oral de Aureliano, quando fala sobre alguns fatos ocorridos com seu avô – narrados enquanto peripécias –, após ser feito prisioneiro de guerra, e o reencontro com

[8] Segundo a autora, as unidades narrativas são unidades que não mais se dividem; ideias que se repetem.
[9] Uma interpretação da autobiografia da avó encontra-se em Frotscher e Olinto (2016).

a avó. À narração do reencontro com a família subjaz a valorização da unidade familiar:

> *[...] Por aí vai, a história que a avó contava e que eu me orgulho porque eu me ponho numa posição dela, deles hoje. [...] Nasceram outros filhos no período de guerra e numa bela noite, em mil novecentos e quarenta e nove, ela conta que ela pôs as crianças para dormir e um senhor bateu à porta às 9 e meia da noite. Ela abriu a porta e perguntou para aquele senhor o que ele desejava e meu avô falou pra ela: – "Você não me conhece mais?" Era o meu avô, que ela achava que ficou preso na guerra. Meu avô ficou preso num campo de concentração. [...] Ele chegou e bateu a porta e minha avó nem o reconheceu de tão desfigurado, magro e judiado que ele estava (Aureliano, 2013).*

Ao contrário de um passado que poderia ser problematizado, em razão desses soldados terem lutado em prol da Alemanha nazista, Aureliano expressa "orgulho de ser descendente", em trecho posterior. Ele constrói uma identificação com os avós na medida em que se apresenta como alguém capaz de se colocar no lugar deles, de compreender suas trajetórias. Neste aspecto, como salientam os autores do livro *Opa war kein Nazi* (Vovô não era nazista), a memória comunicativa é uma memória viva, cujos critérios de verdade são orientados à lealdade e à identidade grupal ("nós") (Welzer *et al.*, 2012, p. 13).

Se, por um lado, Aureliano traz muitos detalhes sobre as experiências da avó durante (ou por causa) da guerra, por outro, fala pouco dos acontecimentos vividos pelo avô no mesmo período. Esses são narrados a partir do que ouviu da avó. Ao falar do avô, na condição de prisioneiro de guerra, Aureliano reproduz um discurso corrente na esfera pública de Entre Rios de vitimização dos suábios do Danúbio que viveram a época da Segunda Guerra Mundial (Frotscher *et al.*, 2014a). Esse posicionamento é presente em sua narrativa oral por meio das expressões "campo de concentração" e dos adjetivos "desfigurado, magro e judiado", usados para representar a aparência do avô ao reencontrar a família. Assim, também a história do avô que consegue retornar ao lar é tida como exemplar e, por isso, capaz de ajudar a superar as adversidades da atualidade. Dessa forma, por meio da memória, renovam-se os laços afetivos com os ancestrais não mais presentes.

A concepção acima também está presente ao falar sobre o processo da imigração para o Brasil, quando o sentido moral dado à história dos avós é estendido a toda a história do grupo, e também depois de sua instalação no país:

> *Eu admiro muito essa questão porque tem que ter coragem. Hoje, a gente tem internet, tem televisão, tem recursos [para saber] como cada parte do mundo é. Naquela época eles não tinham noção do que iria esperar eles aqui. E tomar essa decisão de vir embora para um país diferente, sem saber língua, sem saber nada. Isso aconteceu em 51. Eles vieram ao Brasil. E é um povo que sempre foi muito trabalhador, [para] onde eles migraram, fizeram, digamos, a diferença. Então, aqui no Brasil não foi diferente. Quem conhece Entre Rios hoje e vê a questão, tanto culturalmente, quanto financeiramente, é um povo que trabalhou bastante para ter o que tem, dia e noite. E isso aí passa de geração em geração, porque num dos escritos tem que do pântano fizeram nascer a flor do Éden. [...] Então, eu me orgulho de ser descendente (Aureliano, 2013).*

Embora a fala sinalize para as diferenças entre o passado e o presente (não existência no passado de tecnologias de informação como a televisão e a internet), trata-se de uma narrativa que reforça permanências – ou o que se imagina e se acredita como sendo permanências – na medida em que enaltece a dedicação ao trabalho e a superação das adversidades como sendo uma característica inerente aos suábios do Danúbio e que permaneceria no decorrer das gerações. Não se trata, portanto, de uma história somente familiar, mas de um discurso sobre o passado que demarca uma identidade étnica, como a língua, traços culturais, certo modo de ser e, principalmente, a crença numa origem comum, o principal traço característico da etnicidade. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart, é "a crença na origem comum que substancializa e naturaliza atributos, tais como a cor, a língua, a religião, a ocupação territorial e fazem-nas percebidas como traços essenciais e imutáveis de um grupo" (1998, p. 162). A narrativa oral de Aureliano é marcada pela etnicidade, ao relacionar a crença numa origem comum a um atributo como o trabalho duro, que, segundo ele, passaria "de geração em geração". Além da etnicidade, elementos da narrativa bíblica sobre a origem do mundo estão na base da representação de Entre Rios enquanto um "Éden", a despeito deste mito de origem associar o trabalho justamente à expulsão de Adão e Eva do paraíso.

O discurso que associa os suábios do Danúbio à transformação do pântano em Éden pode ser encontrado em diversas publicações sobre este grupo no Sudeste Europeu e também em Entre Rios. Uma delas, e que melhor sintetiza esse discurso, encontra-se em imagem inserida no livro intitulado *Die Donauschwaben in der Südslawischen Batschka,* de Hermann Rüdiger.

De acordo com Rüdiger (1931, p. 5), a imagem (Figura 1) ao lado da folha do rosto do livro – uma reprodução da aquarela de Stefan Jäger intitulada "Trabalho Cultural dos Suábios do Danúbio" – mostra, à esquerda,

a região após a expulsão dos turcos e antes do início da colonização que se deu de forma planejada. À direita, mostra a paisagem cultural fértil atual (1931), que seria fruto do trabalho sobre-humano (*übermenschlich*) dos agricultores suábios do Danúbio. A imagem, no todo, tem a forma de um tríptico[10], usualmente utilizado em altares. Nota-se que, no seu centro, a imagem maior do conjunto, encontra-se a representação do trabalho de arar a terra. Ao se identificar a sequência de aquarelas como "Trabalho cultural dos suábios do Danúbio" e, assim, se adjetivar o substantivo trabalho, se opera uma etnicização de um dos principais atributos do grupo. A ideia de que aquela terra teria sido "conquistada pelo arado, não pela espada" foi também reproduzida literalmente em monumento inaugurado em 1971, em praça na colônia Vitória, em Entre Rios.[11] A fala de Aureliano sobre o desenvolvimento de Entre Rios e sua associação com a colonização do Sudeste europeu atualiza, portanto, construções míticas sobre o passado do grupo.

A memória cultural que acentua a transformação dos espaços por meio do trabalho colonizador dos suábios do Danúbio, quer na Europa, quer no Brasil, parece ter sido recorporificada na sequência das gerações em Entre Rios por meio de outras publicações e formas de exteriorização. A título de exemplo, o livro *Suábios no Paraná*, do agrônomo Albert Elfes, reproduz frase inserida na enciclopédia editada por Joseph Meyer em 1844 que se refere aos antepassados dos suábios do Danúbio que emigraram para o sudeste europeu como aqueles que "[...] ajudaram a povoar as terras quase estéreis; sob suas mãos tombaram as florestas, secaram os pântanos, e solos áridos transformaram-se em campos de trigo e vinhedos. Construíram numerosos mercados e cidades, dos quais irradiavam bem-estar e cultura" (Meyer *in* Elfes, 1971, p. 17). Tais publicações evidenciam como as formas simbólicas, por meio das quais a memória cultural é exteriorizada, objetivada e armazenada, "são estáveis e transcendentes à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra" (Assmann, 2008, p. 111).

Na fala de Aureliano está presente um discurso que cristaliza uma determinada memória sobre os suábios do Danúbio que envolve concepções sobre características étnicas encaradas como substâncias, como essências desse grupo. E um dos marcadores da etnicidade suábio-danubiana, ao lado de uma memória que se veicula como coletiva, é a manutenção da língua da imigração,[12] como podemos perceber quando Aureliano destaca a dificuldade dos filhos em se comunicar nesta língua: "[...] Pena que hoje os meus filhos – claro que eles vão conhecer a história dos bisavôs – [pois] hoje a dificuldade de você falar alemão, eu falo muito em alemão com eles, [mas] eles não falam uma palavra" (Aureliano, 2013).

As transformações sociais e culturais na colônia e na própria família são vistas com pesar. Ao lado da preocupação com a manutenção da língua, outro aspecto que chama a

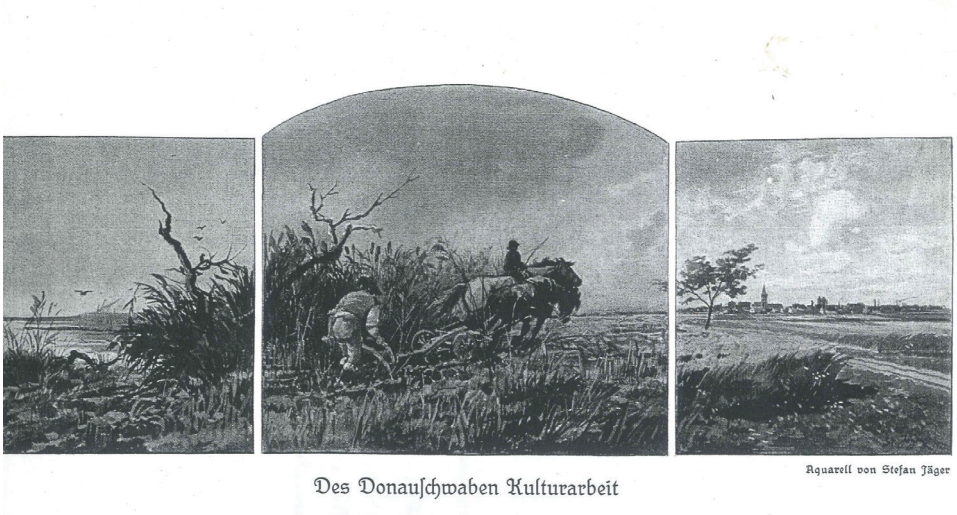

Figura 1. Trabalho Cultural dos Suábios do Danúbio.
Figure 1. Cultural Work of the Danube Swabians.
Fonte: Rüdiger (1931).

[10] "Obra de pintura ou de escultura constituída de um painel central e duas meias-portas laterais capazes de se fechar sobre ele, recobrindo-o completamente" (Ferreira, 1988, p. 651).
[11] Uma análise deste monumento encontra-se em Frotscher (2015).
[12] A língua estrangeira falada entre os imigrantes de Entre Rios é o dialeto suábio.

atenção foi a fala de Aureliano envolvendo as relações sociais entre os suábios do Danúbio em Entre Rios. Vejamos:

> *A gente aprende desde pequeno sempre estar junto das atividades. [...] Eu me lembro de quando a gente carneava, por exemplo. Então a gente quando criança sempre estava junto. Se carnear um porco, juntava vizinho para te ajudar. Na verdade, carnear era uma festa, você fazia linguiça, bacon e tudo mais. [...] Hoje eu não vejo dessa forma, porque quando eu era criança, o nível social era mais ou menos parecido, todo mundo no mesmo nível social. Hoje a gente vê a questão de pessoas com mais poderes, financeiramente, e te deixam de lado por achar que são melhores do que os outros. E esse é um problema muito sério. [...] Então, quando eu me lembro de quando eu era criança, quando algum vizinho precisava de uma ajuda para fazer um serviço, de alguma coisa, a gente ia lá e ajudava. Era até uma alegria a gente poder ajudar. E hoje, se precisar de ajuda, essa ajuda não vem. Então, é uma questão assim que mudou bastante em relação à colônia. Então, hoje, eu vejo gerações posteriores à minha que o que interessa para eles é o carro em que você anda, a roupa que você veste e a questão, assim, de amizade e companheirismo, não é assim mais tão forte que nem era na minha época, na minha juventude (Aureliano, 2013).*

No início do fragmento, observamos as lembranças de sua infância que constroem uma imagem de um passado na colônia marcado pela solidariedade entre os suábios do Danúbio. Na sequência, Aureliano evoca uma imagem da colônia no presente como um espaço caracterizado pela ausência dessa solidariedade, pela acentuada divisão econômica entre seus moradores e pelo desejo de distinção social por parte de pessoas mais ricas. Enquanto expressa se identificar com a geração dos avós – tomados como exemplo – demonstra diferenças, resistências e não concordância em relação ao comportamento de integrantes da geração mais nova que a sua, mais individualistas e consumistas.

Tal interpretação a respeito das diferenças entre passado e presente – temporalidades sobre as quais Aureliano se posiciona enquanto testemunha, pois são acontecimentos que fazem parte de sua experiência de vida –, indica também um ressentimento em função da exclusão de seu pai do quadro de associados da cooperativa Agrária. Isto, segundo suas palavras, "[...] distanciou meu irmão, eu, da vida social de lá, então a vida social que os meus filhos com certeza não vão conhecer da forma que poderiam ter conhecido" (Aureliano, 2013). O fato de ter centrado sua narrativa no espaço da colônia, muito embora não viva ali há alguns anos, faz Aureliano também conjecturar sobre o futuro dos filhos como algo, em termos socioculturais, distinto do que poderia ser se tivesse ali permanecido.

Uma "história de muita, muita luta"

Passaremos agora para a análise de outra narrativa oral. A entrevista com Karl M.[13], 38 anos, empresário do agronegócio, durou cerca de 80 minutos e foi realizada em 03 de julho de 2013 em sua empresa, localizada na Colônia Vitória, em Entre Rios. Ao ser instigado a narrar sua história de vida, Karl iniciou-a da seguinte maneira:

> *É uma pergunta complexa, mas vamos lá. Eu nasci em 75, foi um ano que, [pelo] me contam, que foi um ano bastante gelado aqui na região. A minha infância foi toda aqui na colônia, aqui em Entre Rios. Eu até nasci em Curitiba porque minha mãe estava fazendo um tratamento de saúde lá. Na minha carteira de identidade aparece Curitiba, mas eu sempre vivi aqui. Sempre morei aqui. E me criei aqui, inclusive lá do outro lado da rua [onde se situa a casa do pai e da avó] (Karl, 2013).*

Como podemos perceber, de modo semelhante à narrativa de Aureliano, Karl inicia marcando a data e o lugar de seu nascimento, destacando que, apesar de ter nascido na capital do estado, se criou em Entre Rios. Entretanto, chama a atenção o fato de que logo em seguida fez uma reflexão que envolve uma identificação e, ao mesmo tempo, um estranhamento em relação a essa localidade:

> *A infância, isso a gente só consegue entender depois, mas a infância passada aqui na colônia é um pouco diferente, assim, das infâncias de outras pessoas, de outros amigos que a gente fez depois, né? Principalmente depois que eu fui para a faculdade. Depois que outras pessoas vieram estudar aqui, também na colônia, a gente começa a comparar um pouco. Até porque eu acho que a gente tinha uma liberdade que em alguns lugares aqui, isso faz parte do interior também, qualquer interior você tem a liberdade de ficar na rua, solto, sem tanto, sem tanto medo de nada, né? Isso também eram outras épocas, mas acho que o que mais impactava era que a gente vivia culturalmente de um jeito um pouco isolado do resto do Brasil, do resto da região (Karl, 2013).*

[13] Os entrevistadores foram Marcos Nestor Stein e Méri Frotscher.

Trata-se de uma narrativa autobiográfica que é feita a partir de um deslocamento em que o pronome "eu" é substituído pela expressão "a gente" – aspecto semelhante ao que observamos anteriormente na entrevista de Aureliano. Em outros termos, Karl, que é ao mesmo tempo sujeito e objeto da narrativa, constrói imagens de si no passado não somente a partir de experiências individuais, mas de formas de viver coletivamente. Em sua narrativa, ele produz um constante deslocamento do seu eu, que, em alguns momentos, identifica-se com o grupo e, em outros, coloca-se em uma posição de estranhamento – o que pode ser percebido na expressão "o que mais impactava".

O olhar que perpassa a narrativa da infância é comparativo em relação ao tempo vivido depois, quando o entrevistado pôde entrar em contato com pessoas cujas infâncias teriam sido muito diferentes. O seu deslocamento para Curitiba é narrado como um impacto cultural, momento que lhe despertou a consciência de ter vivido "um pouco isolado do resto do Brasil", de ter tido uma infância "um pouco diferente". A colônia, no passado, é assim contraposta ao "resto do Brasil". A ideia de isolamento cultural da colônia é a principal "unidade narrativa" na parte inicial da entrevista, sendo também retomada depois. Como apontam Poutignat e Streiff-Fenart, "a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento, é, ao contrário, a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano que torna salientes as identidades étnicas" (1998, p. 124). Na narrativa de Karl, a consciência da diferença cultural, de ter vivido "isolado do resto do Brasil", foi despertada na comunicação cultural com outros sujeitos quando passou a viver na capital.

Por meio do uso do pronome pessoal na primeira pessoa do singular – "eu" –, Karl também faz uma leitura sobre as diferenças culturais entre formas de viver no passado e no presente. Vejamos:

> *Porque, eu lembro, a televisão aqui, na época, era restrita. Eu não sei por que motivo, mas a gente só conseguia assistir televisão à noite. O Jornal Nacional e algumas novelas e depois se cortava o sinal da Globo, né? Eu lembro que isso ficava bem marcado na minha memória e durante o meio-dia também, tinha um horário que tinha televisão e o resto do tempo você praticamente vivia só em convívio com os amigos. E a gente falava, todo mundo falava alemão, esse dialeto, suábio. Então ficava bastante assim, como é que eu vou dizer, como se fosse isolado mesmo do resto do mundo, do que estava acontecendo no Planeta Terra (Karl, 2013).*

Além de marcar as diferenças entre o passado e o presente mencionando as deficiências na transmissão do sinal de televisão[14], que é encarada como um instrumento de integração com o restante do Brasil, Karl cita o fato dos moradores se comunicarem por meio do dialeto suábio. Tais elementos são colocados como indicadores da identidade suábio-danubiana de Entre Rios, de seu isolamento em relação ao restante do Brasil e do mundo e como marcos que separam o passado do presente.

Na fala do entrevistado há também a indicação do período cronológico do isolamento sociocultural dos suábios do Danúbio. Inicia-se com a fuga dos suábios do sudeste europeu ao final da Segunda Guerra Mundial e permanece em Entre Rios até a década de 1980.

> *Os meus pais, por exemplo, nasceram na Áustria, mas eles nasceram na Áustria porque já eram fugidos de guerra, da história toda, então já mesmo na Áustria, na década de 40, eles não tinham muito contato com o mundo também. Então, na década de 50 quando vieram pra cá, se isolaram aqui no meio do nada construindo toda essa colônia, essa nova vida e tal e com muita dificuldade no começo. Então, os meus pais, os meus avós, eles praticamente, culturalmente perderam esse período da história do mundo, não sei se isso faz sentido, mas toda a década de 60, 70 que foi uma evolução em tudo que é aspecto, tanto no Brasil que é a questão de ditadura e tal, quanto no mundo inteiro com a questão de hippies, Beatles e Elvis. E isso passou meio que em branco aqui. Então a gente, em casa, se reunia pra escutar músicas da década de 50, 60 praticamente, alguma coisa que o pessoal mandava da Alemanha para cá, que lá já era antigo. Então eu fui conhecer coisas mais modernas pela televisão. Às vezes no Fantástico, à noite, passava alguma coisa sobre música, ou sobre cultura, sobre a história do mundo desse período, que meus pais não acompanharam. Mas, por exemplo, depois que você convive com gente de fora, você percebe que isso fez parte da construção histórica da família das pessoas (Karl, 2013).*

Teriam sido as circunstâncias históricas – o entrevistado enumera três acontecimentos: a fuga e expulsão dos familiares do Sudeste europeu, sua vida na condição de refugiados na Áustria e a imigração para a colônia Entre Rios, localizada no "meio do nada" – que teriam feito a geração dos avós e pais "perderem culturalmente esse período da história do mundo". Aqui Karl contrapõe

[14] A televisão e outros equipamentos de comunicação também são ressaltados como instrumentos que indicam o nível cultural da localidade por Albert Elfes. Ao abordar o que ele denominou de "situação cultural" de Entre Rios no início da década de 1970, afirmou que, entre outros aspectos, "testemunham o interesse cultural existente na colônia" o fato de seus habitantes possuírem 58 televisores, 260 rádios, 175 toca-discos e 38 gravadores de som (Elfes, 1971, p. 98).

duas temporalidades, a vivida pelos moradores da colônia e a vivida por outras pessoas no Brasil e no mundo, que o grupo não teria vivido por não ter seguido o fluxo da história brasileira e mundial. Sua concepção de tempo parte da perspectiva de uma história universal e linear e a colônia em que ele viveu no passado é representada como um espaço e uma temporalidade próprios.

Como afirmamos anteriormente, Karl constrói uma interpretação sobre o passado dos pais e da colônia como sendo uma época caracterizada como um isolamento sociocultural em relação ao que estava acontecendo no mundo, especialmente em termos de produção musical – situação que só teria começado a se modificar com a introdução da televisão. Esse isolamento também ocorreu em função do grupo de crianças com quem ele conviveu na infância, restrito à colônia, e só era amenizado por ocasião de passeios que a família fazia ao shopping em Curitiba.

Trata-se, portanto, de uma relação social que ficava restrita à colônia, em que a ênfase é a vida familiar, que também é interpretada como um indicador de unidade étnica, como podemos ler no fragmento a seguir:

> *Então, era assim a infância, foi passada assim. A gente viajava em família. A gente sempre conviveu com primos, com tios também, né? No estilo, mais assim, germânico, não é uma família italiana, assim então, mas assim, sempre teve uma convivência principalmente em festas, porque existiam cinco colônias e às vezes uma colônia estava fazendo uma festa, todo mundo se deslocava para aquela colônia, fazia um churrasco, então você convivia com os tios, com primos, com todo mundo e bom! (Karl, 2013)*

Na sequência, Karl apresentou mais detalhes sobre acontecimentos envolvendo a sua família, como o falecimento da mãe, quando ele tinha 12 anos, e o outro casamento do pai. Tais episódios que, segundo ele, foram vividos de forma não tão tranquila, são narrados rapidamente e dão lugar a uma imagem da família do presente, caracterizada pela harmonia, que não se remete somente à relação entre os membros do grupo familiar, mas envolve um reatamento com o passado – que anteriormente foi representado negativamente como tempo de isolamento e atraso –, com a revalorização de um de seus "valores culturais": a língua alemã, que é projetada também como um instrumento de êxito econômico no futuro.

> *Agora está morando todo mundo junto, em família ainda, e a ideia é que continue também em família. Então... aí eu me casei. A minha esposa é de Curitiba, ela não é daqui, mas ela veio pra cá, ela é enfermeira, veio pra cá trabalhar no hospital. A gente se conheceu aqui na colônia ainda. E a gente acabou casando. Ela gostou muito daqui, tanto que ela aprendeu a falar alemão, ela fez aula de alemão, aprendeu a falar alemão. Hoje ela fala alemão com as nossas filhas em casa. Então ela abraçou essa questão cultural também, uma coisa importante (Karl, 2013).*

Ao ser perguntado sobre a ocorrência de situações em que ele se percebeu como alguém diferente, Karl novamente toma a música como um elemento para comparar a diferença cultural entre a vida na colônia e na capital:

> *Bom, como todo adolescente eu adorava escutar música nessa época, e na música você percebe as maiores diferenças. No gosto musical, porque, como eu citei aqui, eu não lembro quando chegou a parabólica, mas com a parabólica, a MTV, na época que estava sendo lançada na década de 80, que acho que foi o lançamento da MTV e ela era transmitia pela parabólica e aquilo foi um impacto. Você está acostumado a escutar música alemã, assim, meio folclórica, que nem na Alemanha não toca muito e de repente você esta escutando, sei lá, Metallica, e então é um impacto, mas... – Na faculdade – Na faculdade, assim, você percebe, por exemplo, nos churrascos de faculdade quando o pessoal começava a tocar coisas de Chico Buarque, coisas de Caetano Veloso, coisas que marcaram época, né, Led Zeppelin, sei lá! Coisas que deveriam fazer parte, pelo menos, do teu conhecimento geral e que se você fica procurando [na] memória, você só acha branco, você não tem noção do que a pessoa está falando. [...] E eu sei que nessa época eu vivia dentro de sebos em Curitiba procurando essas coisas pra tentar recuperar o tempo perdido. É interessante – a gente – Eu gostava muito, ainda gosto muito de música e então a gente acaba tentando recuperar, tentando correr atrás. Mas, assim, das coisas mais marcantes é na parte da música, que eu percebo. [...] E daí você também percebe todo esse histórico que você não tem, toda essa bagagem cultural que você não tem (Karl, 2013).*

Ao buscar se constituir como diferente dos demais moradores de Entre Rios e produzir uma imagem de si como indivíduo, Karl novamente faz uso de elementos do universo musical, com o qual entrou em contato por meio da introdução no distrito do sinal de televisão via satélite e por ocasião de seu ingresso no curso de Agronomia em Curitiba. Ou seja, Karl constrói uma identidade para si a partir de dois movimentos: o primeiro é atribuído à chegada de inovações tecnológicas na colônia e o segundo envolve uma vivência individual longe de Entre Rios. Trata-se de um eu, portanto, que se configura por meio

da narrativa a partir de elementos externos ao grupo ou em um espaço fora de Entre Rios. O distrito, por sua vez, é caracterizado como um lugar onde a mudança histórica e cultural, até um passado recente, é percebida como quase estática, ou como um movimento que não acompanharia o ritmo das mudanças histórico-culturais do restante do mundo.

O deslocamento para a capital fez com que se inserisse em outro grupo, o de estudantes da faculdade, com os quais logo percebeu não compartilhar memórias relativas a determinados repertórios musicais, como música popular brasileira, rock, por não ter aquela "bagagem cultural". Sua busca desenfreada em descobrir esse universo, ao visitar constantemente os sebos, "tentando recuperar, correr atrás" do "histórico que não teve", nos lembra das dificuldades que os imigrantes e até mesmo seus descendentes podem ter em se inserir socialmente e culturalmente, em razão de não compartilharem das memórias de experiências em comum com os habitantes do novo meio.

A partir desse momento, após mencionar o fato de ter participado, assim como os demais jovens, de um grupo folclórico de Entre Rios, a narrativa enfoca, além das atividades que a família desenvolve no setor do agronegócio, como a aquisição de uma grande área de terras no estado do Piauí, a importância atribuída à língua alemã e à história dos suábios.

Se, durante o tempo dos estudos, Karl procurou "recuperar o tempo perdido", buscando conhecer coisas diferentes, tempos depois passou a se interessar intensamente pela história dos antepassados:

> *Esse tipo de coisa a gente começa a se preocupar depois de certa idade. Tinha aula de História dos nossos antepassados no colégio, mas a gente ignorava isso. E depois, de uns anos pra cá eu comecei a me interessar um pouco mais pela história da família, sabe, eu comecei a montar árvores genealógicas e conversar com pai, com avó, pra tentar entender melhor. [...] Eu vejo como história de muita, muita luta, assim, muita dificuldade. Porque esses meus antepassados, quando eles imigraram ali para a região da Europa, no Sudeste da Europa, eles já enfrentaram um monte de dificuldades, tanto na viagem como no estabelecimento das colônias lá e tal. [...] Mas ali mesmo já tinha muita dificuldade de convivência com os povos que viviam lá, com as pessoas que viviam lá e tal, tinha muita sinergia, mas também tinha certas divergências, mas acho que, o que impacta mais é na época da Segunda Guerra mesmo. Essa questão da Segunda Guerra, deles serem expulsos da região onde eles já tinham feito uma vida, sei lá, há 200 anos já, há cento e poucos anos lá numa região e várias gerações, e tem uma história toda de uma reconstrução de uma região que era o celeiro da Europa e tal (Karl, 2013).*

Semelhantemente ao que observamos na entrevista de Aureliano, aqui também há o compartilhamento de uma narrativa coletiva que destaca as dificuldades vividas pelos antepassados – no trecho acima a palavra dificuldades aparece três vezes – e representa os territórios onde viviam os suábios do Danúbio como "celeiro da Europa", construído a partir do trabalho desses. A própria construção da frase e uso dos termos – "tem *uma história toda* de uma reconstrução de uma região que era o celeiro da Europa *e tal*" (grifos nossos) – demonstra o compartilhamento de uma memória cultural, por meio da bibliografia e do passado divulgado na esfera pública.

A expulsão ocorrida ao final da Segunda Guerra Mundial é, concomitantemente, uma ruptura com esse território e um elo entre os suábios do Danúbio do passado – que colonizaram o sudeste europeu nos séculos XVII e XVIII – com os suábios do Danúbio de Entre Rios do presente, pois marca a superação representada pela sua reconstrução socioeconômica no Brasil realizada por meio do trabalho árduo e materializada na constituição do distrito.

Em outras palavras, trata-se de um enredo em que Karl expressa sua admiração pela história dos familiares e fundadores da colônia que são encarados, de maneira semelhante à narrativa de Aureliano, como exemplos de conduta. Isso pode ser percebido também na sequência de sua fala, quando, ao mencionar os empreendimentos agrícolas em municípios vizinhos de Guarapuava e também no Piauí, ele relaciona a história do sucesso econômico familiar com o êxito sócio econômico de Entre Rios, ou seja, uma história a partir da perspectiva de um empreendedor do agronegócio adepto do liberalismo.

"A gente não viu toda essa parte de sofrimento, nem de guerra"

A última entrevista, com a duração de 70 minutos, é a de Harry R.[15], 40 anos, pequeno empresário, realizada em 14 de maio de 2013 na Colônia Cachoeira, em Entre Rios, em Guarapuava, em sua empresa. Harry já iniciou sua história de vida comparando-a a história do avô, "que saiu da guerra", construindo uma memória genealógica por meio da narrativa:

[15] A entrevista foi conduzida por Méri Frotscher.

> *Eu não tenho uma história tão longa quanto o meu avô, por exemplo, que saiu da guerra. Mas assim, eu já nasci aqui. O meu pai veio com 7 anos pra cá, também junto com a minha avó. A minha mãe já nasceu aqui no Brasil, a minha mãe já é brasileira. Mas os meus avós por parte da minha mãe vieram de Munique, na Alemanha. Eles falam Bayrisch. Era interessante que a minha mãe falava com os meus avós em bávaro. E aí eu nasci aqui, nasci aqui no município de Guarapuava mesmo. Eu sou filho único também. E a parte toda da minha infância eu passei em casa e, vamos dizer assim, uns 80% com a minha avó. Eu praticamente fui educado pela minha avó (Harry, 2013).*

Como podemos visualizar, o início da entrevista é semelhante às analisadas anteriormente, pois, ao ser instigado a contar sua história de vida, Harry faz referência aos avós paternos, membros do grupo de suábios do Danúbio, e à Segunda Guerra Mundial. Percebe-se também a diminuição da sua história de vida em relação à história dos avós paternos, que é valorizada, e a distinção que Harry faz de seus avós por conta do local do nascimento. Como ele diz, "eu já nasci aqui".

Diferentemente dos outros entrevistados abordados anteriormente, Harry estruturou a sua narrativa em que o uso do pronome em primeira pessoa é dominante. Ele narrou com detalhes sobre a rotina vivenciada durante a infância, sob os cuidados da avó paterna, pois a mãe trabalhava na cooperativa e o pai na agricultura, e sobre os primeiros anos no jardim de infância. Vejamos:

> *E a minha infância, a gente ia para escola, já no Kindergarten [jardim de infância]. [...] Era época do militarismo ainda, né? Então, mas a gente não sentiu muito essa parte aqui, principalmente a criançada. Então, vamos dizer assim, dentro da minha infância, eu tive uma infância bem tranquila. A gente não viu toda essa parte de sofrimento, nem de guerra, [que] eles trouxeram. Quando eu nasci, também, já tinha sido implantada a cooperativa Agrária. Então já estava tudo encaminhando, o seu leito normal das coisas. O pessoal já tinha condições de se sustentar aqui e tudo mais. Então, assim, a minha infância ou desde a adolescência, não foi uma época assim... [...] não precisava fazer muito esforço, [...] a questão de buscar alguma coisa, a gente já tinha tudo mais pronto, né (Harry, 2013).*

Baseados nas considerações da historiadora Ute Daniel, ao discorrer sobre geração, apreendemos aqui como Harry, ao narrar sua história de vida, designa um "conjunto de atribuições de conteúdos específicos de uma idade" (2005, p. 306), por meio dos quais se situa em uma época correspondente, no caso, numa geração diferente da dos avós.

Podemos observar no fragmento acima a justaposição entre a vivência pessoal, a macro-história política brasileira e a história dos imigrantes suábios do Danúbio. Tal operação indica, por um lado, a demarcação do contexto de sua vivência na infância e, por outro, visa ressaltar, por meio da diferença, sua identidade individual/geracional, por ser alguém que não experienciou os acontecimentos que envolvem o regime civil militar no Brasil entre 1964 e 1985 e nem os horrores sofridos pelos suábios durante a Segunda Guerra Mundial e as dificuldades econômicas dos primeiros anos de Entre Rios. A infância e a adolescência são lembradas como períodos de tranquilidade, em que a escassez e as privações já não estavam mais presentes no cotidiano das pessoas do distrito.

Em seguida, o entrevistado expressou o enredo de sua narrativa em que a entrada para o mundo adulto é representada pelo serviço militar[16], seguido do curso superior em Biologia, quando conheceu a esposa, e o trabalho como professor em Entre Rios, atividade que exerceu durante 12 anos e, por fim, a atividade atual, como proprietário de uma cervejaria.

O processo de mudança da atividade profissional, como fabricante de cerveja, foi narrado da seguinte maneira:

> *Aí nesse entretempo meu pai estava, tinha pouca área agrícola. Ou ele expandia muito a área agrícola ou ele parava com a agricultura. Então, eu filho único, um monte de aulas. Eu já estava me dando muito bem, eu gostava muito de lecionar. Uma parte que realmente eu me identifiquei, dentro da sala de aula. E aí meu pai decidiu vender as terras, [...] porque ele não conseguia mais. Ou ele ampliava muito a área, mas só que daí ele falava: "Para que eu vou fazer tudo isso", né? Aí ele acabou vendendo as terras e aí ele pensou: "O que nós vamos fazer agora?" Esse estabelecimento que tem aqui, que é a Donaubier hoje, era uma fábrica de conservas antigamente, do meu pai. [...] Aí eu falei pra ele: "Não, mas tem essa fábrica, por que a gente não faz uma cervejaria?". Ele sempre falava isso assim: "Ah, isso aqui foi feito pra fazer uma cervejaria". Então vamos fazer uma cervejaria, vamos experimentar. Não*

[16] Harry também reforça esse sentido em outro momento da entrevista: "Aí já no primeiro [dia] raspam todo o cabelo, né? Aí toda aquela parte de disciplina. 'Faz isso'! [...]. Até você entrar realmente nos eixos. Aí que a gente via que como a gente era... às vezes era, "Ah, tanto fazia"! Depois você realmente [percebe]: 'Opa! Péra aí, eu tenho uma responsabilidade, eu tenho obrigações, eu tenho deveres pra fazer, eu tenho direitos assim como eu tenho deveres'. Eu falo assim para muitos que eram meus alunos: 'Todo mundo tinha que servir o quartel. Aí você aprende a ser cidadão'" (Harry, 2013).

> *conhecíamos nada, absolutamente nada, não tínhamos a informação de nada, não sabíamos nem por onde começar, mas era uma coisa que realmente me atraía. [...]. Então a gente começou a buscar informações e tudo mais. Adquirimos uma parte do equipamento com o dinheiro, porque com a venda das terras não deu para comprar a cervejaria inteira. E nós não fizemos um levantamento antes do que a gente ia precisar para fazer a cervejaria. E foi a nossa sorte, porque se tivéssemos feito um levantamento, nós não teríamos começado (Harry, 2013).*

O narrador – sujeito do presente – constrói sua identidade como empresário a partir de uma sequência de decisões individuais em que, embora o acaso – a sorte – também tenha sido mencionado, o fator determinante foi o trabalho em família. A narrativa que segue enfoca o processo de estruturação do empreendimento cervejeiro por meio do trabalho familiar: da esposa – que também deixou o magistério –, do pai e tios.

Temas que envolvem a vida escolar e as narrativas contadas pelos avós são novamente expressados a partir da solicitação da entrevistadora. Acerca do aprendizado da história dos suábios, que era ministrado por Heinrich Sattler, alemão que também trabalhou na edição do *Jornal de Entre Rios*, Harry afirmou que

> *Ele foi nosso professor de Geografia na época. Então ele dava história dos suábios também, fazia toda essa parte cultural, e tudo em alemão também. Mas, o que a gente vê hoje é que há certa dificuldade em se passar dentro do conteúdo, porque você tem que seguir um padrão pelo Ministério da Educação. O MEC dita regras de quais disciplinas que você pode colocar no corpo comum e quais que você pode diversificar e o que você pode fazer. Então, eu acredito que nessa caminhada do colégio, em algum momento, teve um pouquinho de afastamento. Hoje a gente vê muito nos jovens o desconhecimento da História, sabe? [...] Da História aqui de Entre Rios, dos imigrantes, o porquê vieram, o que fizeram e tudo mais. Então, isso é uma coisa que eles agora estão tentando, de novo, resgatar de alguma forma, com uma parte diversificada, com projetos ou alguma coisa nesse sentido. Que eu lembro assim, nós tínhamos no começo isso, quando eu estava na adolescência, na primeira série do Ensino Médio. Aí foi visado, realmente, para parte de fazer faculdade ou visando cursinho ou passar no vestibular ou alguma coisa nesse sentido. Perdeu-se a ênfase, praticamente de você fazer qualquer outra (Harry, 2013).*

Como podemos visualizar, a fala de Harry não apresenta detalhes sobre o conteúdo ministrado, ou da metodologia de ensino da disciplina "História dos Suábios". Sua narrativa realça o presente, em que o foco envolve a noção de perda, por parte da geração atual, do conhecimento sobre o passado de Entre Rios e dos suábios do Danúbio em função da mudança das diretrizes dos conteúdos ministrados, tanto para atender as exigências do Ministério da Educação e Cultura quanto para preparar os alunos para o vestibular. São elementos externos ao distrito – MEC e o vestibular – que são evocados para explicar o desconhecimento, por parte da atual geração, da história dos suábios.

Em relação ao conteúdo das conversas com os avós, em especial sua avó paterna, Katharina, que também foi um tema levantado pela entrevistadora, a ênfase, assim como os outros dois entrevistados, é o final da Segunda Guerra Mundial. Vejamos:

> *É, eles conversavam bastante. O Opa e a Oma [avô e avó] falavam muito. O Opa adorava contar história. Ele adorava contar o que eles plantavam, que eles moraram na parte da Iugoslávia. [...] Ele contava mais quando eu era menor. Assim, a gente não tem muita lembrança, mas eu lembro que ela sentava sempre na sala. Então, eu sentava ali, vez ou outra contava história que às vezes eles saiam de lá, que às vezes eles passavam frio, que às vezes eles tinham que caminhar não sei quantos quilômetros. Ele ficou prisioneiro em campo de concentração dos russos, né? Aí depois eles conseguiram escapar, daí caminharam toda, acho que era perto da Sibéria, acho que fizeram todo o trajeto, né? Até reencontrar a [avó] de novo, né? Então todas essas histórias assim, ele contava, né? Contava pra gente. E eu adorava escutar essas histórias dele. Ele mostrava as medalhas que ele tinha, né? Tinha até as medalhas lá da cruz... da suástica, né? Que ele fazia parte das tropas da SS, né? São fatos históricos, né? (Harry, 2013).*

Como analisamos em um estudo sobre entrevistas de imigrantes suábios do Danúbio que foram publicadas em 1994 no suplemento em língua alemã do *Jornal de Entre Rios*[17], as narrativas da fuga dos suábios tornam-se o marco central da história do grupo, o que explica a sua permanência e lugar de destaque nas falas dos jovens que foram entrevistados. Assim como entre outros grupos de alemães expulsos do Leste e Sudeste europeu ao final da guerra, a fuga e a expulsão da pátria foram transformadas em "lugar de memória" e em símbolo identitário.[18]

[17] Sobre isto ver Frotscher *et al.* (2014a).
[18] Especialmente sobre o lugar da "fuga e expulsão" no interior da cultura da memória construída em Entre Rios, vide Frotscher (2015).

Outro elemento que se constitui num padrão dentro dessas narrativas, e que pode ser percebido também no início da entrevista de Harry, é a caracterização desse passado como período de privações, de fome, cujas recordações eram transmitidas no cotidiano como lições de conduta para as novas gerações. Em suas palavras: "Eu lembro mais assim que a Oma falava que o meu pai, como na época não tinha comida, então, quando a gente sentava à mesa para comer sempre tinha que comer tudo. Mas isso tinha um propósito, porque lá na guerra eles não tinham uma alimentação" (Harry, 2013).

Considerações finais

Ao buscarmos apreender a construção da narrativa da história de vida dos entrevistados e como estabelecem relações com as experiências de seus avós, percebemos como os três entrevistados estabeleceram um marco distintivo entre sua geração e a dos avós. Os netos, ao narrarem suas histórias familiares, demarcam uma fronteira geracional entre eles e os avós a partir de alguns acontecimentos vividos por estes, a experiência da expulsão de suas respectivas terras natais e da imigração para o Brasil. O tempo dos netos, por sua vez, seria o da prosperidade alcançada pelo desenvolvimento da colônia.

O historiador Jean-François Sirinelli (2002, p. 133), ao refletir sobre a identidade geracional, aponta que "um estrato demográfico só se torna uma geração quando adquire uma existência autônoma e uma identidade – ambas geralmente determinadas por um acontecimento inaugurador". Em nosso caso, o acontecimento inaugurador seria a imigração para Entre Rios, consequência da desterritorialização provocada pela fuga e expulsão ao final da guerra – ambos os acontecimentos caracterizados pelo sofrimento e por dificuldades. Muito embora marquem diferenças em relação à geração dos avós – ou exatamente por isto mesmo – o passado deles é interpretado como exemplo de conduta, de superação das adversidades vividas no presente.

As lembranças de sofrimento e de dificuldades vividos pelos avós, reproduzidas e interpretadas de maneira mais ou menos intensa nas entrevistas com os três netos, fazem parte de um complexo mítico, criado e tramado por meio de narrativas, mas nem por isso inautêntico, que dá continuidade ao grupo étnico, que se mantém atribuindo-se uma história sedimentada (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p. 165).

A construção das histórias de vida dos entrevistados – e, portanto, de uma memória autobiográfica – é articulada à história familiar, à sua condição de descendentes de imigrantes, também em função do fato dos avós e/ou pais terem imigrado em família. Neste aspecto, todos os três iniciam suas histórias de vida a partir de uma memória genealógica, destacando também seu pertencimento ao grupo dos suábios do Danúbio, cuja história é valorizada nessas narrativas de si.

Estas ainda articulam, ao mesmo tempo, "espaços de experiência" (passado) a "horizontes de expectativa" (futuro), na medida em que o tempo pretérito passado é narrado, no presente, a partir das expectativas em relação ao que está por vir (Koselleck, 2006). Para Aureliano, a convivência com os avós e a vida na colônia teriam lhe proporcionado importante capital cultural, algo que ressente não poder oferecer mais aos filhos; para Karl, o distintivo cultural de Entre Rios que, no passado, com a saída de Entre Rios, o fez querer recuperar o "tempo perdido", hoje é visto como um capital cultural importante, inclusive em termos econômicos. A língua alemã e o desenvolvimento das atividades agrícolas iniciadas pelo pai são promissores horizontes de possibilidades para os filhos; para Harry, a particularidade histórica e cultural construída pelos suábios do Danúbio, inclusive, é explorada enquanto capital econômico por meio de sua empresa.

Aureliano centra sua fala na colônia, apesar de ali não mais residir, referindo-se à história de vida da avó enquanto constitutiva de sua formação. Tanto para Karl quanto para Harry, que ali ainda vivem, a saída de Entre Rios para estudar ou servir ao Exército foi um marco em suas vidas, fundamental para a constituição de uma identidade individual. Todas as três histórias, ao conectarem indivíduo e grupo, remetem àquilo que Alessandro Portelli tão bem formulou: que toda "a história de vida se relaciona com padrões mais amplos e compartilhados da cultura", e que exatamente esses elementos compartilhados é que fazem qualquer história de vida ser representativa e única (Portelli, 2010, p. 159).

Referências

ALBERTI, V. 2004. *Ouvir contar: Textos em História Oral.* Rio de Janeiro, FGV, 194 p.

ARFUCH, L. 2010. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea.* Rio de Janeiro, EdUERJ, 370 p.

ASSMANN, J. 2008. Communicative and cultural memory. *In:* A. ERLL; A. NÜNNING (ed.), *Cultural Memory Studies: An international and interdisciplinary handbook.* Berlin, New York, de Gruyter, p. 109-118.

CANDAU, J. 2011. *Memória e identidade*. São Paulo, Contexto, 219 p.

DANIEL, U. 2005. Historia Generacional. *In:* U. DANIEL, *Compendio de Historia Cultural: teorías, práctica, palabras clave*. Madrid, Alianza, p. 305-319.

ELFES, A. 1971. *Suábios no Paraná*. Curitiba, [s.n], 115 p.

FERREIRA, A.B. de H. 1988. *Dicionário Básico da Língua Portuguesa*. São Paulo, Nova Fronteira, 651 p.

FROTSCHER, M.; STEIN, M.N.; OLINTO, B.A. 2014a. Memória, ressentimento e politização do trauma: narrativas da II Guerra Mundial (Suábios do Danúbio de Entre Rios, Guarapuava-PR). *Revista Tempo*, **20**:1-26. https://doi.org/10.20509/tem-1980-542x2014v203620

FROTSCHER, M.; STEIN, M.N.; OLINTO, B.A. 2014b. "Eles também não tinham nada": narrativas orais de deslocamentos e encontros identitários em Entre Rios (Guarapuava-PR). *Revista Diálogos*, **18**(3):1039-1067.

FROTSCHER, M. 2015. A lost homeland, a reinvented homeland: Diaspora and the "culture of memory" in the Colony of Danube Swabians of Entre Rios. *German History*, **33**(3):439-461. https://doi.org/10.1093/gerhis/ghv085

FROTSCHER, M.; OLINTO, B.A. 2016. Narrativas de sofrimento, narrativas de formação: Reflexões sobre a autobiografia de uma refugiada da Segunda Guerra Mundial. *In:* Y.M. WADI (org.), *Narrativas sobre loucuras, sofrimentos e traumas: ensaios historiográficos*. Curitiba, Máquina de Escrever, p. 203-222.

HARTOG, F. 2013. Experiências do tempo: da história universal à história global? *História, Histórias*, **1**(1):164-179.

HENGEMÜHLE, A. 1998. *Educação: Em Busca de Referenciais Transformadores: Um estudo de caso do colégio Imperatriz Dona Leopoldina.* Guarapuava, PR. Dissertação de Mestrado. UNICAMP/UNICENTRO, 148 p.

KOSELLECK, R. 2006. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos.* Rio de Janeiro, Contraponto/Editora PUC Rio, 366 p.

PLATO, A. v. 2008. Interview-Richtlinien. *In:* A. PLATO; A. LEH.; C. THONFELD (ed.), *Hitlers Sklaven: Lebensgeschichtliche Analysen zur Zwangsarbeit im internationalen Vergleich.* Wien/Köln/Weimar, Böhlau, p. 443-450.

PORTELLI, A. 2010. *Ensaios de História Oral.* São Paulo, Letra e Voz, 258 p.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. 1998. *Teorias da etnicidade: Seguido de Grupos Étnicos e suas fronteiras, de Fredrik Barth.* São Paulo, Fundação Editora Unesp, 250 p.

ROSENTHAL, G. 1995. *Erlebte und erzählte Lebensgeschichte: Gestalt und Struktur biographischer Selbstbeschreibungen.* Frankfurt am Main, Campus, 241 p.

RÜDIGER, H. 1931. *Die Donauschwaben in der Südslawischen Batschka.* Stuttgart, Ausland und Heimat Verlag, 135 p.

SIRINELLI, J.-F. 2002. A geração. *In:* M.M. FERREIRA; J. AMADO (ed.), *Usos & abusos da história oral.* 5ª ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 131-137.

STEIN, M.N. 2011. *O Oitavo Dia: Produção de Sentidos Identitários na Colônia Entre Rios-PR.* Guarapuava, UNICENTRO, 286 p.

WELZER, H.; MOLLER, S.; TSCHUGGNALL, K. 2012. *Mi Abuelo no era Nazi: el nacional-socialismo y el holocausto en la memoria familiar.* Buenos Aires, Prometeo Libros, 256 p.

WELZER, H. 2008. *Das kommunikative Gedächtnis: Eine Theorie der Erinnerung.* 2ª ed., München, Beck, 259 p.

Fontes primárias

B., Aureliano. 2013. Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein e Renilson Beraldo. Guarapuava, PR, 13/05/2013.

M., Karl. 2013. Entrevista concedida a Marcos Nestor Stein e Méri Frotscher. Entre Rios, Guarapuava, PR, 03/07/2013.

R., Harry. 2013. Entrevista concedida a Méri Frotscher. Entre Rios, Guarapuava, PR, 14/05/2013.

Submetido: 11/07/2016
Aceito: 28/10/2016